

Estudos

# Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre  
Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-790-1 DOI 10.22533/at.ed.901192111</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
NOTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA SAÚDE PÚBLICA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO, EDUCAÇÃO E DIREITO	
Izadora Ribeiro Silva Costa Lina Maria Brandão de Aras	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921111</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
O CORPO E O GÊNERO NO CURRÍCULO DO ENSINO DE CIÊNCIAS NO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE	
Murilena Pinheiro de Almeida Marco Antonio Leandro Barzano Cleyde Oliveira de Castro Maria de Lourdes Esteves Bezerra Cenair Felini Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921112</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
O SILENCIAMENTO DA DOR: FEMINICÍDIO NA BAHIA ENTRE OS ANOS DE 2015 A 2018	
Fadja Mariana Fróes Rodrigues Tânia Rocha Andrade Cunha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921113</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
OS MOVIMENTOS FEMINISTAS E A INSTITUIÇÃO DE POLÍTICAS PARA MULHERES: UMA RELAÇÃO VISCERAL	
Maria Flávia Andrade Araújo Lisboa Tainá Rocha dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921115</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO E SERVIÇO SOCIAL: UM DEBATE SOBRE A INTERSETORIALIDADE DAS POLÍTICAS SOCIAIS E OS DESAFIOS PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA/O ASSISTENTE SOCIAL	
Rosária de Fátima de Sá Pereira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921116</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
POR UMA DRAMATURGIA FEMINISTA: JORNADAS DE F(R)ICÇÃO	
Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921117</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
PARTEIRAS E DOULAS BRASILEIRAS: AUTONOMIA E ARTICULAÇÕES FEMINISTAS EM REDE	
Danielle Andrade Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921118</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>87</b>
OS PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DO USO ABUSIVO DO ÁLCOOL E AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA PSICOLOGIA NO TRATAMENTO DE MULHERES ADULTAS	
Ana Paula Almeida dos Santos	
Rafael Antonio Oiticica de Miranda	
Alexandra Soares dos Santos	
José Euclimar Xavier de Menezes	
Marcos Moura Nogueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921119</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>96</b>
RELAÇÕES DE GÊNERO E PLANEJAMENTO REPRODUTIVO EM RELACIONAMENTOS HETEROSSEXUAIS: NEGOCIAÇÕES, LIMITES E O PROTAGONISMO FEMININO	
Suzianne Jackeline Gomes dos Santos	
Mary Alves Mendes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921110</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>108</b>
REPERCUSSÕES HOMOSSEXUAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
José Renato Santos de Oliveira	
Ingrid de Souza Silva	
Tatiane Pina Santos Linhares	
Tatiana Tarrão dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921111</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>119</b>
“SOMOS HUMANOS NA RUA”: USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS ATENDIDOS PELO PROJETO PONTO DE CIDADANIA	
Alexandra Soares dos Santos	
Ana Paula Almeida dos Santos	
Rafael Antonio Oiticica de Miranda	
Sueli Jesus Santana	
Mônica Coutinho Cerqueira Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921112</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
SEGREGAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO NOS ANOS DE 2002 E 2014	
Débora Juliene Pereira Lima	
Ana Márcia Rodrigues da Silva	
Edna Raimunda Teodoro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921113</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>138</b>
TERRITÓRIO DE NARRATIVAS: LOCAIS DESTINADOS ÀS MULHERES NOS DISCURSOS PRODUZIDOS NOS MUSEUS DO CENTRO HISTÓRICO BELENENSE	
Sílvia Raquel de Souza Pantoja	
Melissa Walesk de Oliveira Dias Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9011921114</b>	



<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>148</b>
TRABALHO, POLÍTICA E GÊNERO: O PAPEL DA MULHER NA HISTÓRIA E O RESGATE DO FEMINISMO	
Fernanda Andrade Silva	
DOI 10.22533/at.ed.90119211115	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>158</b>
TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E TRANSGÊNERAS(OS) EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE: NORMATIVAS BRASILEIRAS	
Gabriela Bothrel Echeveria	
Vivianny Kelly Galvão	
Verônica Teixeira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.90119211116	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>169</b>
VADIAGENS DA CIÊNCIA-EXPERIÊNCIA: GINGANDO NUMA RODA MULTIRREFERENCIAL COM CAROLINA DE JESUS, INAICYRA FALCÃO E ELZA SOARES	
Régia Mabel da Silva Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.90119211117	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>178</b>
UM CORPO NEGRO EM DIÁSPORA NA PRODUÇÃO DE UMA ATENÇÃO À SAÚDE FEMINISTA E ANTIRRACISTA	
Lais Alves Porto	
DOI 10.22533/at.ed.90119211118	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>184</b>
MULHERES NA LUTA POR PARTICIPAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: UMA EXPERIÊNCIA RECENTE EM NOSSA SENHORA DA GLÓRIA (SE)	
Itanamara Guedes Cavalcante	
Maria do Carmo Santos Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111819	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>196</b>
SAÚDE INTEGRAL À SAÚDE DA MULHER: DESAFIO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Divanise Suruagy Correia	
João Klínio Cavalcante	
Laura Marques Angelo Neto	
Maria das Graças Monte Mello Taveira	
Viviane Maria Cavalcante Tavares	
Sandra Lopes Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111820	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>207</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>208</b>

## OS PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DO USO ABUSIVO DO ÁLCOOL E AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA PSICOLOGIA NO TRATAMENTO DE MULHERES ADULTAS

### **Ana Paula Almeida dos Santos**

Faculdade Social da Bahia, Curso de Psicologia  
Salvador – BA

### **Rafael Antonio Oiticica de Miranda**

Faculdade Social da Bahia, Curso de Psicologia  
Salvador – BA

### **Alexandra Soares dos Santos**

Faculdade Social da Bahia, Curso de Psicologia  
Salvador – BA

### **José Euclimar Xavier de Menezes**

Faculdade Social da Bahia, Curso de Psicologia  
Salvador – BA

### **Marcos Moura Nogueira**

Faculdade Social da Bahia, Curso de Psicologia  
Salvador – BA

**RESUMO:** Ao que tudo indica, o consumo de álcool em nossa sociedade é intensamente aceito e estimulado. Porém, quando o seu registro captura a mulher como sujeita que o realiza, fatores psicossociais e preconceitos estão interligados como elementos dificultadores de plano terapêutico. Na atualidade, o consumo abusivo do álcool entre as mulheres está interligado com o cuidado com a casa, com a família e a vida laboral. Aditado à essa dupla atribuição, questões como escolaridade, faixa etária, violência doméstica, física e sexual parecem constituir-se variantes que precipitam

ao consumo abusivo de álcool no âmbito familiar. A atuação de profissionais da psicologia pensa e efetiva o tratamento de usuárias (os) de álcool voltado-se para a dimensão singular, estimulando a promoção da autonomia e de potencialidades. Parece ausente na práxis terapêutica uma preocupação com as políticas públicas que deem ao problema um dimensionamento mais adequado, sobretudo se se pensa no papel da psicologia para pensar e intervir com ações promotoras de prevenção do consumo de álcool.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alcoolismo. Mulheres. Psicologia. Fatores Psicossociais.

### THE PSYCHOSOCIAL PROCESSES OF ALCOHOL ABUSE AND THE THEORETICAL PERSPECTIVES OF PSYCHOLOGY IN THE TREATMENT OF ADULT WOMEN

**ABSTRACT:** It seems that alcohol consumption in our society is widely accepted and encouraged. However, when its registration captures women as subjects, psychosocial factors and prejudices are interconnected as hindering elements of the therapeutic plan. Currently, alcohol abuse among women is intertwined with caring for the home, family and working life. Added to this dual attribution, issues such as education, age, domestic, physical and sexual violence

seem to be variants that precipitate alcohol abuse in the family. The performance of professionals in psychology thinks and effectively treats alcohol users, focusing on the singular dimension, stimulating the promotion of autonomy and potentialities. It seems to be absent in therapeutic praxis a concern with public policies that give the problem a more appropriate dimension, especially if one thinks about the role of psychology to think and intervene with actions promoting alcohol consumption prevention.

**KEYWORDS:** Alcoholism. Women. Psychology. Psychosocial Factors.

## 1 | INTRODUÇÃO

A utilização do álcool em nossa sociedade tem um caráter atípico quando comparado a outras drogas. Seu consumo é incentivado pelos seus fabricantes e a mídia fazendo com que sua disponibilidade e custo sejam acessíveis à boa parte da população, prejudicando a atuação de profissionais da saúde referente ao seu consumo e a sensibilização de que é uma questão de saúde pública (OLIVEIRA et al., 2012). Na literatura são descritas diversas deduções sobre o que induz ao uso abusivo do álcool, já que a bebida recompensa seu comportamento, levando a uma aparente sensação de conforto, abertura social e afasta fatos que incomodam a/o sujeita/o (WILSNACK e OBOT, 2005 apud SILVA e LYRA, 2015).

Para o público feminino, a situação é mais complexa. O uso de substâncias psicoativas por mulheres é pouco aceito socialmente, além de sofrerem mais rápido os efeitos já que possuem maior proporção de tecido gorduroso, variações no decorrer do ciclo menstrual e diferenças na concentração gástrica do metabolismo do álcool (LIMA et al., 2017).

Segundo Silva (2012), o alcoolismo feminino não é apenas questão de saúde, mas também se refere a papéis exigidos às mulheres pela sociedade, no âmbito familiar e social, visto que é exigido dela uma postura de cuidadora e quando esse papel não é atendido acontecem divergências entre os familiares. Dessa forma, a mulher não é mais vista como o pilar da família, e sim como alguém que não cumpre suas funções e acaba sendo julgada pelos familiares, que não compreende que a mesma necessita de um olhar cuidadoso para o tratamento do alcoolismo.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) aponta em 2003 o aumento mundial no número de mulheres em uso abusivo do álcool, destacando um elevado aumento na América do Sul (BAUER, 2004). Isso se deve, segundo Pretto (2004), à inserção mais acentuada da mulher no mercado de trabalho juntamente com sua inserção na vida política.

De acordo com a Portaria N° 1.028, de 1º de julho de 2005 do Ministério da Saúde, ficou determinado que as ações que visam à redução de danos sociais e à saúde, decorrentes do uso de produtos, substâncias ou drogas que causem dependência, sejam reguladas por esta Portaria.

Dessa forma, o presente trabalho visa identificar os fatores psicossociais

relacionados ao uso abusivo do álcool entre mulheres adultas, relatando os impactos da representação social entre o álcool e as mulheres, analisar os processos psicossociais que levam as mulheres ao consumo abusivo do álcool e identificar quais perspectivas teóricas da psicologia compõe esse tratamento.

Tendo em vista o álcool como um problema social, onde a mulher é mais vulnerável devido à falta de equidade de gênero nos tratamentos atuais e a pouca investigação de cada caso particular, este âmbito necessita de uma política pública específica.

## **2 | METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento da presente revisão sistemática, foram consultadas as seguintes bases eletrônicas: BVS-PSI, LILACS, Pepsic e Scielo. Os descritores utilizados foram “alcoolismo”, “psicologia”, “perspectiva teórica”, “álcool”, “representações sociais”, “políticas públicas” e “substâncias psicoativas”. Foram selecionados trabalhos publicados entre os anos de 2000 e 2017, que tiveram como objeto de estudo mulheres com uso abusivo de álcool em idade adulta ou na terceira idade, assim como os artigos que abordaram os fatores psicossociais do uso abusivo do álcool entre as mulheres adultas. Foram usados apenas trabalhos publicados em língua portuguesa.

## **3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Foi identificado que a maioria das mulheres alcoolistas começaram a utilizar o álcool na infância ou adolescência, por influência de familiares e amigos (Figura 1). As primeiras bebidas consumidas são as fermentadas (cervejas, vinhos e etc.), depois evoluindo pra os destilados (cachaças, conhaques e licores) (ESPER et al., 2013; OLIVEIRA et al., 2012; SANTOS e SILVA, 2012; ELBREDE et al., 2008; MONTEIRO et al., 2011; NÓBREGA e OLIVEIRA, 2005; CAMPOS e REIS, 2010; CESAR, 2006).

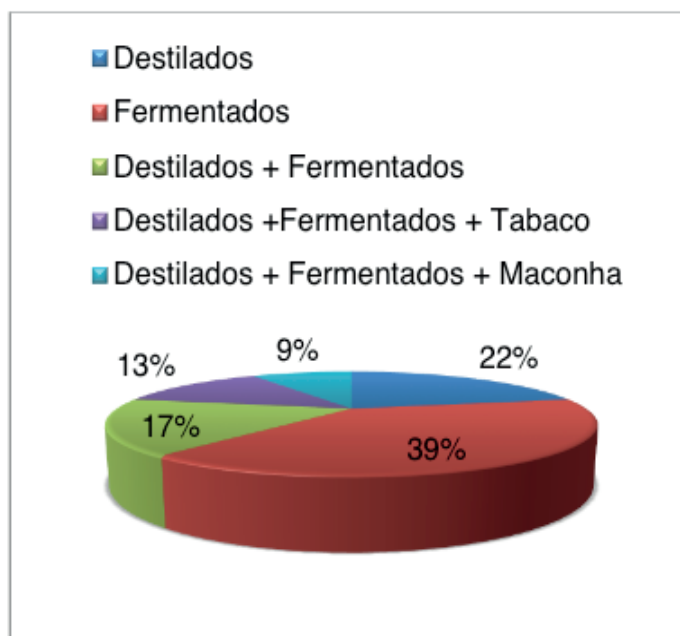


Figura 1- Tipos de bebidas e associações consumidas pelas mulheres alcoolistas segundo os trabalhos pesquisados.

Robbins e Martin (1993, apud CESAR, 2006) demonstram que as atitudes masculinas referentes ao consumo excessivo do álcool são refletidas no ambiente extrafamiliar, o que é diferente das atitudes femininas, a qual o consumo está principalmente relacionado ao ambiente doméstico. Essas expressões ocorrem devido à forma de educação que a sociedade impõe para os sexos. Segundo Smart (1980, apud CESAR, 2006) a exprobação que as mulheres passam remetem a uma culpabilidade resultando a um processo de consumo solitário e abusivo do álcool.

Outro dado significativo apontado nos trabalhos avaliados (Figura 2) é que as mulheres alcoolistas sofreram algum tipo de violência (física, psicológica, moral ou sexual) (ESPER et al., 2013; MONTEIRO et al. 2013; NÓBREGA E OLIVEIRA, 2015; CESAR, 2006).

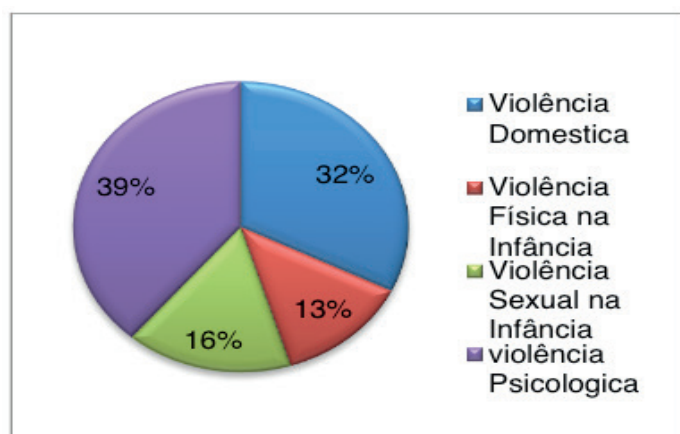


Figura 2 - Tipos de violência sofrida por mulheres alcoolistas segundo os trabalhos pesquisados.

Gomberg (1981, apud CESAR 2006) constatou que mulheres vítimas de violência na fase infanto-juvenil costumam ter companheiros também alcoolistas.

Segundo o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para Mulher (UNIFEM), o Brasil apresenta um índice de uma mulher espancada a cada 15 segundos por um homem e sete a cada dez mulheres são vítimas de seus esposos. A pesquisa também evidencia que uma das causas da violência é a utilização do álcool (45%) (BRASIL, 2005).

A respeito da escolaridade (Figura 3), retirando todos os estudos analisados referentes a públicos específicos do ensino médio ou superior (DEA et al., 2004; SILVA; PADILHA, 2013; SOLDERA et al., 2004; FRANKLIN et al., 2016; ABREU et al., 2017), uma grande quantidade da porcentagem de mulheres que utilizam o álcool possui baixa escolaridade (ÁLVAREZ, 2007; LIMA et al., 2017), ou seja, analfabetas, com ensino fundamental incompleto ou completo. Não foram encontrados estudos com pessoas graduadas.

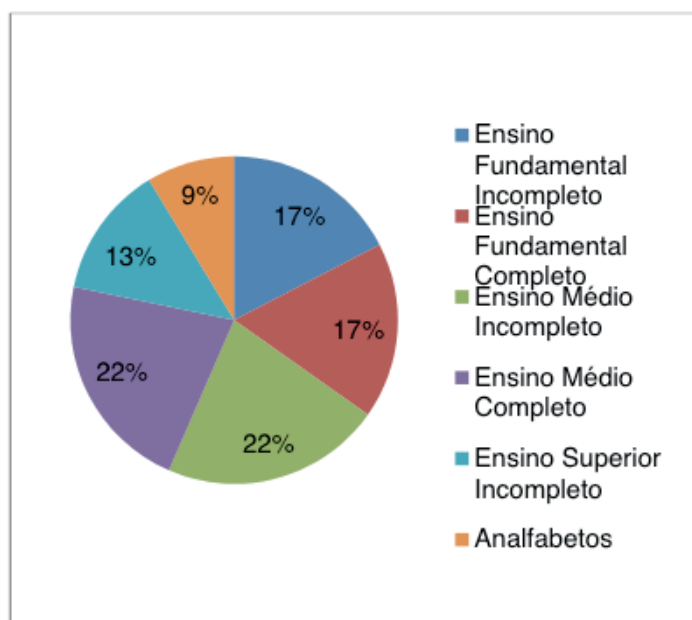


Figura 3 - Escolaridade de mulheres segundo os trabalhos pesquisados.

Outro aspecto relevante é a faixa etária das mulheres alcoolistas (Figura 4), evidenciando que as mulheres de 40-60 anos correspondem ao maior público com uso abusivo de álcool (ESPER et al., 2013; OLIVEIRA et al., 2012; SANTOS e SILVA, 2012; ELBREDEE et al., 2008; MONTEIRO et al., 2011; NÓBREGA e OLIVEIRA, 2005; CAMPOS e REIS, 2010; CESAR, 2006).



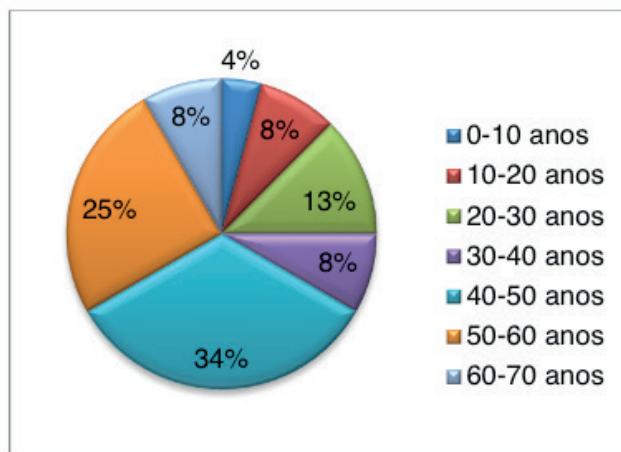


Figura 4 - Faixa etária de mulheres alcoolistas segundo os trabalhos pesquisados.

Dos poucos trabalhos que mostravam alguma intervenção (Figura 5), foram usadas técnicas como a aplicação de questionários e entrevistas. Somente um trabalho usou o sociodrama (DEA et al., 2005) e um o programa SMART (RANGÉ e MARLATT, 2008).

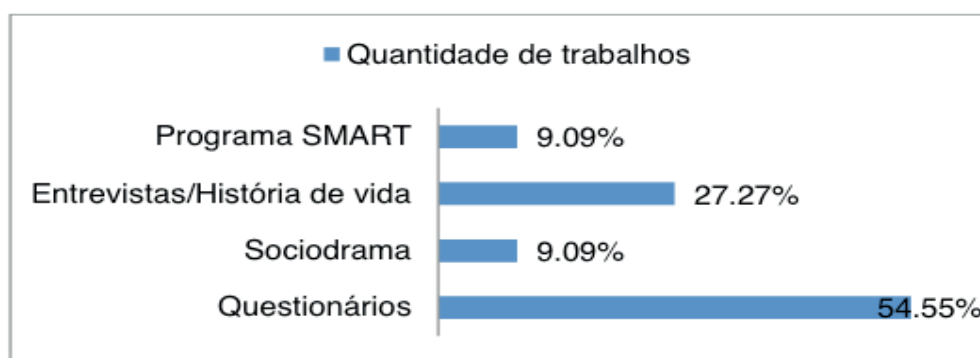


Figura 5 - Técnicas de intervenção utilizadas no tratamento de mulheres alcoolistas segundo os trabalhos pesquisados.

Um das dificuldades encontradas pelas mulheres quando procuram o tratamento é a falta de identificação por parte dos profissionais de saúde, pois grande parte dos problemas biológicos que são apresentados pelas mulheres alcoolistas não é reconhecida pelos profissionais porque não é algo comum na sociedade; além da representação social das mulheres não corresponderem a esse desvio de conduta e de papéis dentro da nossa cultura. Na maioria das vezes as mulheres se dirigem às unidades de saúde a procura de cuidados para outro tipo de enfermidade. Porém, quando conseguem se consultar, a questão do álcool não é exposta devido a toda estigmatização que passam e a crítica que sofrem devido ao uso abusivo do álcool (ZILBERMAN E BLUME, 2005).

## 4 | CONCLUSÃO

Por muito tempo o alcoolismo foi direcionado somente aos homens, pois devido ao papel que as mulheres exercem na sociedade não cabia o uso abusivo do álcool. Pode-se apontar que a utilização do álcool entre as mulheres está permeada por questões psicológicas e sociais. As mulheres alcoolistas demonstram uma trajetória de vida que evidenciam que o contexto de violência, baixa escolaridade, influência de amigos e do consumo no ambiente familiar proporciona o consumo exagerado do álcool.

Levando em consideração que o tratamento de usuários de álcool deve ser voltado ao singular e promover a autonomia e potencialidades do usuário (LIMA et al., 2012 apud LIMA et al., 2017), o trabalho que a (o) psicóloga (o) conseguem realizar junto a profissionais da enfermagem e medicina para o público feminino, proporcionariam uma melhor eficácia nos quadros clínicos e na qualidade de vida dessas usuárias.

Dessa forma uma ação mais ativa na prevenção do consumo de álcool, ainda quando estão na infância e adolescência, seria de suma importância para a não continuidade desse consumo abusivo. Uma qualificação maior dos profissionais de saúde para apoiar essas mulheres também é necessária para um maior efeito do tratamento, porém deve ser realizado sem preconceito, julgamento da mesma e com interdisciplinaridade da equipe. Assim também como produção de pesquisas e artigos sobre o tema, para uma melhor discussão dentro da sociedade não somente acadêmica.

## REFERÊNCIAS

ABREU, T. T.; MAURÍLIO, A. O.; LIGUORI, C. C., et al. O consumo de bebida alcoólica e o binge drink entre os graduandos de Medicina de uma Universidade de Minas Gerais. J. bras. psiquiatr. vol.67 no.2 Rio de Janeiro Jan./June 2018.

ÁLVAREZ, A. M. A. Fatores de risco que favorecem a recaída no alcoolismo. J. bras. psiquiatr. v.56 n.3 Rio de Janeiro. 2007.

BAUER, J. **O Alcoolismo e as mulheres: Contexto e Psicologia**. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Enfrentando a violência contra a mulher** – Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

CAMPOS, E.A.; REIS, J.G. **Representações sobre o uso de álcool por mulheres em tratamento em um centro de referência da cidade de São Paulo, Brasil**. Interface -Comunic., Saúde, Educ., v.14, n.34, p.539-50, jul./set. 2010.

CESAR, Beatriz Aceti Lenz. **Alcoolismo feminino: um estudo de suas peculiaridades Resultados preliminares**. J Bras Psiquiatria, 55(3): 208-211, 2006

DEA, H. R. F. D; SANTOS, E. N.; ITAKURA, E.; OLIC, T. B. **A inserção do psicólogo no trabalho de prevenção ao abuso de álcool e outras drogas** – Psicologia Ciência e Profissão – 108-115 – 2004.

ELBREDER, Márcia Fonsi ; LARANJEIRA, Ronaldo; SIQUEIRA, Marluce Miguel de; BARBOSA, Dulce Aparecida. **Perfil de mulheres usuárias de álcool em ambulatório especializado em dependência química.** *J. bras. Psiquiatr.* vol.57, n.1, pp.9-15, 2008.

ESPER LH, CORRADI-WEBSTER CM, CARVALHO AMP, FURTADO EF. **Mulheres em tratamento ambulatorial por abuso de álcool: características sociodemográficas e clínicas.** *Rev Gaúcha Enferm.* 2013;34(2):93-101.

FRANKLIN, TAF, CARDOSO, LKB, VEIGA, LDB, et al. Comportamentos de Risco a Saúde em Adolescentes Residentes em Município de Pequeno Porte. *J. res.: fundam. care. jul./set.* 10(3): 704-710. 2018.

INGLEZ-DIAS, A.; RIBEIRO, J. M.; BASTOS, F. I.; PAGE, K. **Políticas de redução de danos no Brasil: contribuições de um programa norte-americano.** *Ciênc. saúde coletiva* [online]. Vol.19, n.1, pp.147-158. 2014.

LIBERALI, R. **Metodologia Científica Prática: um saber-fazer competente da saúde à educação.** Florianópolis: (s.n.), 2008.

LIMA, I. M. B.; COELHO, H. F. C.; ANDRADE, J. M. **Uso do método Respondent Driven Sampling para avaliação do alcoolismo em mulheres.** *Saúde debate.* Vol.41, n.114, pp.801-811. 2017.

MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza et al. **Relatos de mulheres em uso prejudicial de bebidas alcoólicas.** *Esc Anna Nery (impr.)*2011 jul-set; 15 (3):567-572

NÓBREGA, M. P. S. S.; OLIVEIRA, E. M. Mulheres usuárias de álcool: análise qualitativa. *Rev. Saúde Pública* vol.39 no.5 São Paulo Oct. 2005.

OLIVEIRA GF, LUCHESI LB. **O discurso sobre álcool na Revista Brasileira de Enfermagem:1932-2007.** *Rev. Latino-Am Enferm.* 2010;18(Spec):626-33.

OLIVEIRA GC et al. **Consumo abusivo de álcool em mulheres.** *Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS)* 2012 jun;33(2):60-68.

PINHEIRO, S. N.; LAPREGA, M. R.; FURTADO; E. F. Morbidade psiquiátrica e uso de álcool em gestantes usuárias do Sistema Único de Saúde. *Rev. Saúde Pública*, vol.39, n.4, pp.593-598. 2005.

PRETTO, Z. **O atravessamento da história do gênero nas relações atuais de gênero.** Florianópolis: UFSC, 2004.

RANGÉ, B. P.; MARLATT, G. A.C. Terapia cognitivo-comportamental de transtornos de abuso de álcool e drogas. *Rev. Bras. Psiquiatr.* v.30 supl.2 São Paulo out. 2008.

SANTOS, Alessandro Marques dos; SILVA, Mara Regina Santos da. **A experiência de cuidar da mulher alcoolista na família.** *Rev. esc. enferm. USP*, vol.46, n.2, pp.364-371, 2012.

SILVA. Maria das Graças Borges da; LYRA. Tereza Maciel. **O beber feminino: socialização e solidão.** *Saúde debate* vol.39 no.106 Rio de Janeiro jul./set. 2015

SILVA, Maria das Graças Borges da. **O pensar e o agir das mulheres assistidas em um centro de atenção psicossocial de álcool e outras drogas: alcoolismo feminino e o caminho para a recuperação** Recife: [s.n.], 2012.

SILVA, S. E. D.; PADILHA, M. I.O alcoolismo na história de vida de adolescentes: uma análise à luz das representações sociais. *Texto contexto - enferm.* vol.22 no.3 Florianópolis jul./set. 2013.

SOLDERA, M.; DALGALARRONDO, P.; FILHO, H. R. C.; SILVA, C. A. M. **Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados.** Rev. Saúde Pública v.38 n.2 São Paulo abr. 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global status report on alcohol and health 2014.** Luxemburgo: WHO, 2014 [Acesso em: 18 de setembro de 2018]. Disponível em: <[http://www.who.int/substance\\_abuse/publications/en/](http://www.who.int/substance_abuse/publications/en/)>

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global status report on alcohol and health.** Suíça: WHO, 2011 [Acesso em: 18 de setembro de 2018]. Disponível em: <[http://www.who.int/substance\\_abuse/publications/en/](http://www.who.int/substance_abuse/publications/en/)>

ZILBERMAN ML, BLUME SB. **Violência doméstica, abuso de álcool e substâncias psicoativas.** Rev Bras Psiquiatr, 27(Supl II): S51-5, 2005.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alcoolismo 6, 87, 88, 89, 93, 94, 123

Anti-racismo 178

Atenção à saúde 7, 10, 124, 178, 179, 180, 181, 182, 197, 198, 200, 205

Autobiografia 64, 65

### C

Cárcere 158, 160, 162, 163, 164, 166

Carolina de Jesus 144, 169, 170, 171, 172, 176

Ciberativismo 74, 77, 85

Corpo Humano 13, 14, 15, 16, 19, 25, 26

Currículo 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 79

### D

Diversidade 25, 98, 104, 108, 113, 115, 118, 143, 170, 173, 179, 184, 185, 190

Dramaturgia de F(r)icção 64

### E

Educação 1, 3, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 37, 45, 50, 51, 58, 61, 90, 94, 112, 117, 118, 121, 134, 136, 138, 143, 144, 149, 165, 167, 172, 173, 177, 192, 200, 205, 206, 207

Elza Soares 169, 170, 174, 176

Ensino de Ciências 13, 14, 16, 19, 24, 25, 26

Escola 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 152, 153, 205, 206

Escola primária 13, 14, 16, 17, 18, 20, 22, 25, 26

Estado da Bahia 28, 30, 33, 35, 37, 38, 108, 112

Estratégias negras de resistência 169, 175

Exclusão social 116, 119, 121, 123, 126, 161

Extensão universitária 196, 199

### F

Fatores psicossociais 87, 88, 89

Feminicídio 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 190

### G

Gênero 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 67, 74, 85, 89, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 139, 146, 148, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161,

163, 164, 167, 170, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 204, 206

## I

Inaicyra Falcão 169, 170, 172, 176

## L

Laqueadura 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105

Legislação 28, 30, 38, 49, 55, 57, 82, 129, 158, 163, 166

Lutas 41, 43, 50, 55, 68, 142, 149, 173, 184, 187, 194, 198

## M

Memória 26, 50, 138, 139, 148, 149, 150, 151, 152, 156, 157, 161

Mercado de trabalho 4, 18, 46, 48, 88, 127, 128, 129, 131, 135, 136, 137, 149, 180, 183, 188

Movimentos feministas 40, 41, 42, 43, 44, 46, 50, 55, 97, 154, 190

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 15, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 68, 72, 76, 77, 78, 83, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 98, 100, 102, 103, 116, 129, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 148, 149, 153, 154, 155, 157, 166, 171, 172, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 206

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 15, 19, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 57, 58, 61, 62, 65, 67, 68, 69, 71, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 114, 116, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 165, 166, 169, 170, 171, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206

Museologia 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Museu 13, 16, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

## N

Normativas 79, 117, 158, 164, 165, 166, 167

## P

Parteiras e doulas brasileiras 74

Participação 31, 48, 49, 55, 68, 79, 85, 100, 105, 121, 129, 133, 134, 136, 149, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 196, 198, 202, 203

Performance 64, 65, 66, 69, 70, 72, 88, 176

Política 5, 6, 7, 8, 10, 20, 21, 27, 29, 43, 48, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 64, 66, 74, 79, 88, 89, 109, 120, 122, 123, 124, 125, 136, 139, 143, 148, 149, 154, 155, 156, 160, 165, 166, 171, 172, 181, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 201, 205



Políticas para as mulheres 11, 40  
Políticas públicas 30, 33, 37, 38, 46, 48, 49, 51, 52, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 87, 89, 119, 121, 122, 124, 158, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 197, 199  
População em situação de rua 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125  
População “T” 158  
Projeto ponto de cidadania 119, 120  
Psicologia 87, 89, 93, 108, 109, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 200, 206

## R

Redes sociais digitais 74  
Relações de gênero 3, 4, 9, 11, 38, 48, 50, 52, 53, 54, 58, 60, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 137, 180, 204  
Representação social 13, 23, 89, 92, 119, 122, 124, 144  
Reprodução 42, 52, 54, 55, 56, 96, 97, 103, 104, 106, 107, 197

## S

Saúde 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 23, 25, 27, 55, 75, 76, 79, 82, 85, 86, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 110, 112, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 134, 163, 165, 168, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206  
Saúde da família 8, 112, 193, 196, 198, 200, 205, 206  
Saúde da mulher 2, 3, 7, 184, 196, 197, 198, 200, 201, 205  
Saúde integral 181, 196, 200  
Segregação 45, 114, 122, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 137  
Sexualidade 4, 15, 20, 31, 36, 75, 97, 100, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 139, 146, 149, 155, 157, 196, 200, 201, 203, 207  
Sindicalismo 148, 156

## T

Trabalho 2, 4, 5, 6, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 31, 40, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 72, 75, 76, 78, 79, 83, 88, 92, 93, 96, 99, 103, 104, 107, 108, 111, 121, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 187, 188, 191, 193, 196, 198, 199, 202, 205, 206

## V

Violência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 22, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 65, 75, 87, 90, 91, 93, 95, 106, 107, 108, 110, 111, 114, 115, 122, 155, 158, 159, 160, 161, 167, 175, 181, 183, 184, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 205, 206  
Vulnerabilidade 4, 119, 121, 161, 164, 168, 193